

TEXTO PARA DISCUSSÃO

2915

**DESEMPREGO E RELAÇÕES
FAMILIARES EM REGIÕES
METROPOLITANAS: CONDIÇÕES
DE VIDA E ESTRATÉGIAS DE
ACESSO A RECURSOS**

VITOR MATHEUS OLIVEIRA DE MENEZES

ipea

Instituto de Pesquisa
Econômica Aplicada

**DESEMPREGO E RELAÇÕES
FAMILIARES EM REGIÕES
METROPOLITANAS: CONDIÇÕES
DE VIDA E ESTRATÉGIAS DE
ACESSO A RECURSOS**

VITOR MATHEUS OLIVEIRA DE MENEZES¹

1. Doutor em sociologia pela Universidade de São Paulo (USP); analista sênior de políticas socioeducacionais do Instituto Unibanco e consultor da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco); e bacharel e mestre em ciências sociais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Governo Federal

Ministério do Planejamento e Orçamento

Ministra Simone Nassar Tebet

ipea Instituto de Pesquisa
Econômica Aplicada

Fundação pública vinculada ao Ministério do Planejamento e Orçamento, o Ipea fornece suporte técnico e institucional às ações governamentais – possibilitando a formulação de inúmeras políticas públicas e programas de desenvolvimento brasileiros – e disponibiliza, para a sociedade, pesquisas e estudos realizados por seus técnicos.

Presidenta

LUCIANA MENDES SANTOS SERVO

Diretor de Desenvolvimento Institucional

FERNANDO GAIGER SILVEIRA

**Diretora de Estudos e Políticas do Estado,
das Instituições e da Democracia**

LUSENI MARIA CORDEIRO DE AQUINO

Diretor de Estudos e Políticas Macroeconômicas

CLÁUDIO ROBERTO AMITRANO

**Diretor de Estudos e Políticas Regionais,
Urbanas e Ambientais**

ARISTIDES MONTEIRO NETO

**Diretora de Estudos e Políticas Setoriais,
de Inovação, Regulação e Infraestrutura**

FERNANDA DE NEGRI

Diretor de Estudos e Políticas Sociais

CARLOS HENRIQUE LEITE CORSEUIL

Diretor de Estudos Internacionais

FÁBIO VÉRAS SOARES

Chefe de Gabinete

ALEXANDRE DOS SANTOS CUNHA

Coordenador-Geral de Imprensa e Comunicação Social

ANTONIO LASSANCE

Ouvidoria: <http://www.ipea.gov.br/ouvidoria>

URL: <http://www.ipea.gov.br>

Texto para Discussão

Publicação seriada que divulga resultados de estudos e pesquisas em desenvolvimento pelo Ipea com o objetivo de fomentar o debate e oferecer subsídios à formulação e avaliação de políticas públicas.

© Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – **ipea** 2023

Menezes, Vitor Matheus Oliveira de

Desemprego e relações familiares em regiões metropolitanas : condições de vida e estratégias de acesso a recursos / Vitor Matheus Oliveira de Menezes. – Rio de Janeiro: IPEA, 2023.
40 p. – (Texto para Discussão ; 2915).

Inclui Bibliografia.

1. Desemprego. 2. Família. 3. Mercado de Trabalho. 4. Desigualdade. 5. Análise Lexical. I. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. II. Título.

CDD 331.137

Ficha catalográfica elaborada por Elizabeth Ferreira da Silva CRB-7/6844.

Como citar:

MENEZES, Vitor Matheus Oliveira de. **Desemprego e relações familiares em regiões metropolitanas**: condições de vida e estratégias de acesso a recursos. Rio de Janeiro: Ipea, set. 2023. 40 p. (Texto para Discussão, n. 2915). DOI: <http://dx.doi.org/10.38116/td2915-port>

JEL: D10; J12; J13; M52.

As publicações do Ipea estão disponíveis para download gratuito nos formatos PDF (todas) e EPUB (livros e periódicos).

Acesse: <http://www.ipea.gov.br/portal/publicacoes>

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério do Planejamento e Orçamento.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

SUMÁRIO

SINOPSE	
ABSTRACT	
1 INTRODUÇÃO	6
2 DESEMPREGO E ESFERA FAMILIAR EM ESTUDOS SOCIOLÓGICOS	8
3 CONSTRUÇÃO DO <i>CORPUS</i>	12
4 FUNDAMENTOS E PARÂMETROS DA CLASSIFICAÇÃO HIERÁRQUICA DESCENDENTE	15
5 AS CLASSES LEXICAIS	18
5.1 Desemprego e vida familiar	22
5.2 Família e inserção no mercado de trabalho	27
6 DISCUSSÃO	30
REFERÊNCIAS	35

SINOPSE

Neste artigo investigam-se os impactos socioeconômicos do desemprego em diferentes grupos de indivíduos e, de maneira especial, aborda-se a circulação familiar de bens e serviços durante a procura por trabalho. Para isso, examinam-se os vocabulários de 245 trabalhadores em entrevistas semiestruturadas realizadas pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) entre 2015 e 2016, no âmbito do projeto Radiografia do Brasil Contemporâneo. Os dados foram submetidos a uma técnica estatística denominada Classificação Hierárquica Descendente, produzindo quatro classes lexicais. Já uma análise fatorial de correspondência inseriu os léxicos em um plano cartesiano, evidenciando duas cisões, uma temática e outra pelo montante de recursos envolvidos. Os resultados opõem as experiências de trabalhadores empobrecidos, para os quais o desemprego vincula-se à disputa por necessidades básicas, e de grupos com acesso consolidado a recursos, cujos repertórios familiares voltam-se à prospecção por melhores empregos. A análise contrasta uma inserção laboral precária e outra que ocorre em trajetórias mais estáveis. Finalmente, testes qui-quadrado associaram essas classes lexicais a indicadores de sexo, raça e escolaridade.

Palavras-chave: desemprego; família; mercado de trabalho; desigualdade; análise lexical.

ABSTRACT

This article investigates the socioeconomic impacts of unemployment on different groups of individuals, and specially addresses the family circulation of goods and services during the job search. For this, it examines the vocabularies of 245 workers in semi-structured interviews carried out by the Institute for Applied Economic Research (Ipea) from 2015 to 2016, within the scope of the Radiography of Contemporary Brazil project. The data were submitted to a statistical technic called Hierarchical Descending Cluster Analysis, producing four lexical classes. After, a factorial correspondence analysis inserted the lexicons in a cartesian plan, showing two splits, one thematic and another by the number of available resources. The results contrast the experiences of poor workers, for whom the unemployment is bounded to the dispute for basic needs, with the experiences of groups with guaranteed access to resources, whose family repertories are directed to the search for better jobs. The analysis distinguishes, besides, a precarious job insertion and another that occurs in more stable trajectories. Finally, chi-squared tests associated these lexical classes with sex, race, and schooling indicators.

Keywords: unemployment; family; labor market; inequality; lexical analysis.

1 INTRODUÇÃO

Nas sociedades capitalistas, a participação no mercado de trabalho é a principal estratégia de acesso a recursos. Isso pode ocorrer via empregos registrados, evidenciando um sistema de compra e venda da força de trabalho, ou a partir das iniciativas informais de geração de renda, como no caso do autoemprego.

As pesquisas sobre o Estado e o mercado de trabalho têm merecido destaque na literatura sobre os regimes de proteção social. Desse modo, como uma marca das sociedades modernas, as instituições públicas, por meio da provisão de bens e serviços, tendem a assumir parte dos riscos. Uma consequência importante dessa ação é a minimização dos impactos do desemprego, ainda que o papel do Estado varie bastante de um país para o outro e no decurso do tempo.

Para bem entender como os recursos circulam e são apropriados por indivíduos e grupos é preciso examinar o que acontece no interior das famílias. Este artigo parte dessa perspectiva e se dirige aos impactos do desemprego nas condições de existência, bem como aos repertórios familiares de reprodução e mobilidade socioeconômica. O objetivo é investigar o caráter desigual dessas experiências no interior da população brasileira, o que faz com que contextos circunscritos sejam especialmente interessantes para a coleta de dados. Espero que isso me permita apresentar novas reflexões sociológicas sobre a estratificação do desemprego, sob o prisma da proteção familiar e das relações sociais cotidianas.

A despeito de teorias que apregoavam o seu enfraquecimento,¹ as famílias são indispensáveis para a satisfação das necessidades pessoais nas sociedades capitalistas, conectando indivíduos por meio de relações de interdependência,² que decorrem do direcionamento de indivíduos para tarefas produtivas (atividades remuneradas em mercados) e reprodutivas (tarefas domésticas e de cuidado) (Durham, 1980; Melo e Castilho, 2009; Picanço e Araújo, 2020). Quando um dos membros da família não

1. A esse respeito, a principal formulação foi apresentada por Wilensky e Lebeaux (1965). Para os autores, a nuclearização das famílias, bem como o enfraquecimento do seu papel na circulação de bens e serviços, produziria um vácuo a ser ocupado pelos Estados de bem-estar.

2. A unidade familiar foi decisiva para a organização das sociedades industriais, por meio do suporte à moradia e à procura por trabalho (Segalen, 1986). Sobre o caso brasileiro, Paoli (1992) ressalta a atuação das famílias na proletarização da força de trabalho, o que ocorreu a partir do recrutamento familiar da mão de obra, baseado na autoridade masculina sobre mulheres e crianças. O fenômeno revela o vínculo entre moralidade e unidade doméstica, comumente reforçado pelas políticas de Estado. A manutenção e atualização da família como uma categoria ideológica, fundada em papéis minimamente estáveis de provisão e cuidado, cumpriu um papel importante no desenvolvimento do capitalismo competitivo (Telles, 1992).

consegue se inserir no mercado de trabalho, tensões são geradas nos projetos de subsistência e mobilidade socioeconômica, em uma relação de mão dupla entre o desemprego e a vida familiar. De um lado, examinar o desemprego lança luz sobre os repertórios familiares, tanto materiais quanto afetivos, que visam lidar com a perda de rendimentos. De outro, o ambiente familiar torna-se útil para observarmos os impactos do desemprego no cotidiano de indivíduos e grupos, pois as famílias representam unidades básicas de consumo e circulação de rendimentos (Bilac, 2014). Devido à instabilidade do mercado de trabalho e à baixa efetivação de direitos via Estado, a relação entre família e desemprego é ainda mais importante no regime brasileiro de bem-estar. Em sociedades com sistemas incipientes de proteção social, as relações familiares são uma “resposta coletiva lógica” aos riscos que acompanham a participação no mercado de trabalho (Paugam, 2016, p. 42).

As experiências de desemprego são estratificadas pelo acesso desigual a recursos e oportunidades, levando em conta a participação dos indivíduos em redes interpessoais (família, vizinhança e laços profissionais) e institucionais (instituições educacionais e políticas de emprego e socioassistenciais). Para abordar o assunto, analisarei os repertórios vocabulares de 245 indivíduos residentes de regiões metropolitanas que foram entrevistados pelo Ipea entre 2015 e 2016. Além de analisar os impactos desiguais do desemprego no bem-estar das famílias, a pesquisa discute as dinâmicas de amparo familiar e a mobilização de vínculos familiares para a procura por trabalho. A utilização de uma técnica estatística aplicada a dados textuais, de caráter indutivo e classificatório, me possibilitou agrupar os léxicos destinados a essa temática, salientando o caráter desigual das experiências de desemprego no Brasil.

Este artigo se divide em mais cinco seções. A segunda seção organiza a produção sociológica que se dedicou à intersecção entre o desemprego e a esfera familiar. A terceira e a quarta seções tratam da construção do *corpus* e da metodologia adotada. Na quinta seção, apresentam-se as classes vocabulares produzidas pelo cruzamento entre as palavras e as suas entrevistas de origem. Finalmente, na conclusão, destacam-se os resultados mais importantes da pesquisa, colocando-os em diálogo com a literatura acadêmica.

2 DESEMPREGO E ESFERA FAMILIAR EM ESTUDOS SOCIOLÓGICOS

Ao investigar os efeitos do desemprego nas relações familiares de autoridade, Komarovsky (1940) ponderou como a perda do trabalho incidia sobre o status do chefe de família, com possíveis consequências aos vínculos maritais e de filiação. A seu ver, a tendência disruptiva ocasionada pelo desemprego poderia ser creditada à incapacidade masculina de controlar economicamente os parentes, adensada pela diminuição de prestígio por parte do chefe de família e pela redução da “margem de manobra” familiar em satisfazer interesses conflitantes.

Em uma abordagem também seminal, Eisenberg e Lazarsfeld (1938) ressaltaram as consequências do desemprego nos traços individuais de personalidade, com destaque para a instabilidade emocional, a perda de rotina, a diminuição de autoestima e o rebaixamento das aspirações pessoais. O enfraquecimento das atividades associativas e a deterioração das condições materiais eram entendidas como experiências típicas de uma “comunidade desempregada” (Jahoda, Lazarsfeld e Zeisel, 2002), que seria vítima de um ciclo mais ou menos generalizável, o que, em última instância, acarretava a deterioração das relações familiares.

A ruptura dos vínculos familiares em função do desemprego persistiu como um entendimento hegemônico até a década de 1970, do que dão testemunho as obras de Moen (1979) e Schlozman e Verba (1979). Boa parte dos estudos enfatizou o papel do desemprego na privação de recursos, bem como na negação do senso de autoestima decorrente do engajamento ocupacional. A partir desse olhar, a fragilização econômica e a ruptura de vínculos, do tipo familiar ou comunitário, poderiam ser entendidas como faces da mesma moeda, resultantes em grande medida da desocupação em uma sociedade de mercado.

A década de 1980 trouxe consigo a eclosão de novos olhares interpretativos. Thomas, McCabe e Berry (1980) argumentaram que os conflitos familiares, tanto no casamento quanto na convivência intergeracional, não deveriam ser tomados como necessariamente resultantes da perda do trabalho. O menor peso disruptivo do desemprego foi creditado a fatores típicos da segunda metade do século XX, como a emergência de uma nova condição de desempregado, passível de auxílios governamentais, e a diversificação das identidades pessoais, não dependentes em sua totalidade da esfera do trabalho. Ideia semelhante foi apresentada por Gallie e Marsh (1994). Os autores identificaram diferenças importantes nas consequências sociais do desemprego entre as

décadas de 1930 e 1980, fruto do desenvolvimento dos sistemas de proteção social, da redução das jornadas de trabalho e do avanço de outras atividades na organização das rotinas. Já Binns e Mars (1984) sublinharam a importância do amparo familiar a casais desempregados, bem como os efeitos do desemprego nas relações conjugais. Os autores evidenciaram a manutenção de um padrão tradicional de divisão sexual do trabalho durante o desemprego, a despeito de possíveis negociações conjugais.

A partir da década de 1990, a correlação entre desemprego e dinâmicas da vida familiar ganhou maior complexidade. Lampard (1994) inovou ao identificar o impacto negativo das separações na perda do trabalho. Broman, Hamilton e Hoffman (1996) sustentaram, por sua vez, que a influência do desemprego nos conflitos familiares se devia à deterioração das condições financeiras. Mais recentemente, Taylor (2002) defendeu que as transformações na vida familiar dependeriam da duração do desemprego e das características dos perfis pessoais, enquanto Van Der Lippe, Treas e Norbutas (2017) revisitaram a temática da divisão sexual do trabalho.

A sociologia brasileira não se mostrou alheia a esse debate. Partindo dos desafios que são inerentes a um país desigual e com políticas insuficientes de proteção ao desemprego, no Brasil, o campo de estudos construiu uma identidade própria. Foi nesse contexto que os escritos de Bilac (1978) e Durham (1980), ao conferirem relevo às estratégias familiares de sobrevivência, talharam uma abordagem que se tornou bastante difundida. Por essa perspectiva, as famílias empobrecidas tenderiam a redefinir a divisão de encargos entre parentes, direcionando mulheres e jovens ao mercado de trabalho. Diante da necessidade de adaptação às incertezas e depressões financeiras, em parte decorrentes da desocupação dos provedores masculinos, essas famílias “jogariam” com a mão de obra disponível, maximizando os ganhos econômicos.

Essas investigações, porém, se concentraram em agrupamentos cujos chefes de família eram submetidos a trabalhos instáveis. Hirata e Humphrey (1989), examinando famílias operárias paulistas, elaboraram uma aproximação alternativa, alicerçada em três outros determinantes: os efeitos da “identidade operária” na duração do desemprego, levando em conta a busca por tipos específicos de ocupação; a existência de diferentes níveis de qualificação e experiência entre os desempregados; e a posição do indivíduo sem trabalho na esfera familiar. Segundo Hirata e Humphrey (1989), o desemprego de filhos e filhas que residiam com os pais não acarretava grandes infortúnios, devido à baixa participação dos salários nos rendimentos totais do grupo domiciliar. Já o desemprego dos provedores era evocado como um obstáculo à subsistência doméstica, provocando fortes pressões econômicas, prejuízo emocional e aceitação de empregos não desejados.

Posteriormente, Sarti (1994) sugeriu novas pistas para a ligação entre as condições socioeconômicas e a estabilidade das famílias. O desemprego, somado às baixas remunerações, deveria ser entendido como um obstáculo ao padrão esperado de divisão sexual do trabalho, fundado na provisão masculina e no cuidado feminino. Segundo a autora, pelo lado da mulher, frustrava-se a perspectiva de ascensão socioeconômica pelo casamento, a incapacidade masculina de sustentar o domicílio repercutiria em um intenso sentimento de fracasso, seguido ocasionalmente por modificações na hierarquia familiar ou por episódios de abandono e fragmentação da unidade doméstica.

Na virada de século, é possível notar a emergência de outros vetores de análise. Conquanto a associação entre desemprego e fragmentação do ambiente familiar continuasse sendo suscitada, os estudos brasileiros atingiram outros objetivos, reforçando o caráter estratégico da vida em família. Nessa linha, Borges (2006) e Montali (2006) analisaram o comportamento das famílias em contextos econômicos desfavoráveis, sobretudo no que diz respeito à disponibilização laboral de mulheres e jovens. Debruçadas sobre os efeitos adversos da reestruturação produtiva, as pesquisas assumiram as famílias empobrecidas como objeto privilegiado de análise, visto que eram mais fortemente afetadas pela instabilidade ocupacional e pela deterioração dos salários. Essas pesquisas revelavam a “plasticidade” dos arranjos familiares, que visam contornar os efeitos adversos gerados pelo desemprego dos chefes de família, tais como o rebaixamento dos padrões de consumo, a erosão das identidades pessoais e a ruptura das rotinas (Goldani, 2002).

A diminuição da inatividade familiar, ocorrida na década de 1990, teve lugar em um contexto de baixa oferta de trabalhos, o que provocou altos índices de desocupação entre as gerações mais novas. Inversamente, o período registrou o incremento da ocupação feminina, o que serviu, na maior parte dos casos, apenas para atenuar o declínio dos rendimentos (Montali, 2006).

Nos últimos anos, tem sido possível notar o surgimento de uma nova plataforma de estudos, responsável por aprofundar a compreensão da esfera familiar durante experiências de desemprego. Alguns aspectos, como o papel das relações interpessoais no acesso a ocupações, ganharam destaque.

Para Guimarães *et al.* (2010), o desemprego deve ser entendido como um fenômeno multifacetado. Se, por um lado, ele suscita uma tragédia pessoal, pelo sentimento de culpa, da supressão de recursos e da desestabilização de identidades, por outro, é balanceado por iniciativas que visam remediar situações de incerteza. Certas instituições e

mecanismos, como os serviços estatais e as redes centradas na família, terminam por amortecer os riscos que são inerentes aos períodos de desemprego. Por esse motivo, Guimarães (2009) se dedicou a examinar o acesso às oportunidades ocupacionais, verificando a confluência entre as empresas contratantes, os trabalhadores desempregados e os intermediadores de emprego. Para o sucesso dessa confluência, ganha preponderância no Brasil a mobilização de estratégias não mercantis, a partir de redes privadas baseadas na família, nas relações de afinidade e em contatos profissionais. Essas redes seriam fundamentais para o conhecimento dos postos de trabalho disponíveis, bem como para a garantia das condições, do *timing* e dos recursos necessários para a competição no mercado de trabalho (Guimarães, 2017). Por conseguinte, passou a ganhar relevo a forma pela qual os desempregados avaliam as oportunidades e os constrangimentos que permeiam os seus relacionamentos interpessoais e/ou institucionais (Guimarães *et al.*, 2012).

Um olhar à literatura aludida permite observar tendências importantes. Nota-se uma diversificação de enfoques, que levou a que o lugar conferido à esfera familiar fosse sendo gradualmente revisto: de um ambiente no qual apenas transpareciam as consequências deletérias do desemprego, a família se tornou um objeto sociológico relevante para o entendimento dos repertórios de proteção e alavancagem de recursos, variáveis segundo as classes e os regimes de bem-estar. Com isso, ficaram evidentes as limitações de uma associação necessária entre o desemprego e conflitos/desordens familiares, marcante nas postulações mais antigas. Ademais, as pesquisas brasileiras atentaram, sobretudo, para o papel das famílias na socialização dos riscos do desemprego e nas estratégias de procura por trabalho, em um cenário caracterizado por políticas públicas insuficientes e seletivas de proteção ao desemprego (Menezes, 2021; 2024).

Dialogando com esse campo de estudos, as próximas seções analisam o tema tanto a partir dos efeitos desiguais do desemprego nas condições de vida quanto por meio da atuação das famílias na circulação de bens e serviços durante o desemprego de parentes. Também pretendo introduzir algumas inovações em relação a estudos anteriores, já que a maior parte dos estudos citados se dedicou a grupos relativamente homogêneos do ponto de vista socioeconômico, em especial os mais pobres, investigando quais aspectos (atributos, experiências ou relações) os distinguiam. Ao examinar uma base de dados de grande amplitude, reuni informantes com perfis deliberadamente variados, o que me permitiu salientar a marca heterogênea do desemprego.

3 CONSTRUÇÃO DO CORPUS

Entre os anos de 2015 e 2016, o Ipea desenvolveu a pesquisa Radiografia do Brasil Contemporâneo, voltada à realização de entrevistas biográficas em cidades brasileiras de médio e grande porte. As entrevistas alcançaram indivíduos com perfis diversos, inquirindo-os, por meio de um roteiro semiestruturado, sobre a esfera familiar, o trabalho, a educação, o consumo, as experiências religiosas e as opiniões políticas. Informações adicionais sobre a amostra e o roteiro das entrevistas estão disponíveis em Natalino e Lopes (2020).

O saldo mais importante da pesquisa, da qual participei coletando dados e produzindo relatórios periódicos e artigos acadêmicos (Menezes, 2018; 2020; 2022), foi a construção de um banco de dados com 625 entrevistas transcritas. Esse banco é especialmente útil para o campo de estudos sobre as desigualdades sociais, pois abarca grupos distintos, no tocante às condições ocupacionais, níveis escolares e padrões de comportamento, e diferentes locais de moradia. O banco de dados também possui cobertura nacional e apresenta dados relevantes sobre o desemprego, pelo fato de as entrevistas tratarem de momentos variados das biografias pessoais.

Partindo desse banco, selecionei as entrevistas nas quais os interlocutores, ao relatarem os períodos de procura por trabalho, descreveram e significaram o ambiente familiar. O esforço resultou em um *corpus* próprio, composto por trechos de 245 entrevistas, que foram classificadas por sexo, raça e escolaridade. A relevância de cada uma dessas categorias será discutida, em diálogo com a literatura, na última seção deste artigo. Por agora, vale destacar que a análise conjunta desses indicadores enfatiza a intersecção entre as múltiplas formas de diferença e desigualdade que se acumulam e se combinam durante o desemprego (Hirata, 2014).

Entre as variáveis que compõem os perfis dos trabalhadores, contudo, a idade acabou perdendo espaço na classificação dos indivíduos e de seus relatos, visto que boa parte dos acontecimentos comunicados nas entrevistas não se situava no tempo presente. Isso vale para a cidade de residência, considerando a possível migração intermunicipal. Entretanto, ainda que não tenham sido utilizados nos testes estatísticos, idade e local de residência ajudam a complementar o perfil dos interlocutores.

No *corpus*, 51,4% dos entrevistados são do sexo feminino e 48,6% do sexo masculino; 43,6% possuíam idade entre 25 e 39 anos, seguidos de perto pelos indivíduos com idade entre 40 e 59 anos (40,4%); e com frequências reduzidas, pelos indivíduos na faixa etária acima de 60 anos (8,6%) e com idade entre 18 e 24 anos (7,4%). No que se

TEXTO para DISCUSSÃO

refere à composição racial, 16,7% dos entrevistados se declararam pretos, 40% pardos, 38,8% brancos, 2,8% amarelos e 1,7% indígenas.³ Finalmente, o *corpus* se concentra nos níveis intermediário e alto de escolaridade, refletindo as características do banco de dados: 34,7% dos entrevistados haviam concluído o ensino médio, enquanto 32,7% tinham formação universitária, 15,5% possuíam o ensino fundamental completo e 17,1% não revelaram qualquer formação escolar, sendo enquadrados em ensino fundamental incompleto.

A tabela 1 identifica o local de residência dos interlocutores na época de realização das entrevistas. Para garantir a comparabilidade entre as falas, foram utilizadas apenas entrevistas conduzidas nas regiões metropolitanas (RMs), escolha que também se justifica pelo protagonismo dos grandes centros urbanos na circulação de recursos e de pessoas, com concentração de infraestrutura e postos de trabalho. Ademais, as metrópoles apresentam taxas mais elevadas de desemprego, afirmação ancorada nos microdados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua: enquanto 10,9% da força de trabalho nacional estava desempregada no primeiro trimestre de 2016 (data de término das entrevistas), o mesmo ocorria para 12% da força de trabalho em RMs.

TABELA 1

Quantidade de entrevistas por RM ou região integrada¹

Local de residência	Quantidade de entrevistas (em % do total)
Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal	7,7
RM de Natal	11
RM de Recife	15,9
RM de São Paulo	18,3
RM de Salvador	7,7
RM do Rio de Janeiro	6,5
RM de Manaus	7,3
RM de Belém	12,2
RM de Porto Alegre	13,4

Fonte: *Corpus* desenvolvido a partir do banco de dados da pesquisa Radiografia do Brasil Contemporâneo.

Elaboração do autor.

Nota: ¹ Uma região integrada de desenvolvimento possui as mesmas características de uma RM, mas inclui mais de uma Unidade Federativa (UF) em sua composição.

3. Uma autodeclaração racial não consta no banco de dados. Desse modo, as porcentagens dizem respeito às 244 entrevistas com autodeclarações válidas.

O *corpus* se afasta de algumas características da população desempregada, em especial no tocante à escolaridade. De acordo com os microdados da PNAD Contínua para o primeiro trimestre de 2016, o *ranking* educativo para esse grupo era formado, nas RMs, pelos indivíduos com ensino fundamental incompleto (36,6%), ensino médio completo (32,3%), ensino fundamental completo (16,3%) e ensino superior completo (14,7%). Ou seja, entre as duas amostras, há equilíbrio na faixa escolar intermediária e desvio nos dois extremos, subrepresentando no *corpus* os indivíduos sem ensino fundamental e apresentando valores consideravelmente altos para a formação universitária. O reconhecimento desse desequilíbrio deve acompanhar a leitura e a interpretação dos resultados, o que farei a partir da realização de testes estatísticos que mensuram a associação entre cada indicador de perfil e as classes lexicais.

Após a seleção dos casos, adaptei o *corpus* à leitura de um *software* de análise textual, o Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires (Iramuteq).⁴ Já que almejo apreender os léxicos dos entrevistados, excluí as falas dos entrevistadores, bem como abandonei os trechos nos quais os interlocutores repetiam, apenas em concordância, as palavras evocadas pelos pesquisadores de campo. Com o *corpus* formatado, realizei dois ajustes adicionais: eliminei as variações de grafias que marcam a oralidade, já que estas provocariam leituras diferentes pelo *software*; e excluí os nomes de cidades que eram recorrentemente evocados, visto que afetavam, em testes iniciais, os resultados da análise.⁵

Superada a descrição do *corpus*, a próxima seção apresenta a técnica adotada na análise dos dados, iniciando por algumas informações sobre sua origem. O principal objetivo disso é produzir classes lexicais a partir de um modelo indutivo e estatístico, o que é muito útil na análise de grandes bancos de dados, como é o caso deste artigo.

4. O Iramuteq, ou, em português, Interface de R para Análise Multidimensional de Textos e Questionários, é um *software* gratuito e aberto que foi criado em 2008 por Pierre Ratinaud. É distribuído sob os termos da licença GNU GPL (v2) e está ancorado no *software* R e na linguagem *Python*. O dicionário em português foi incluído em 2013 e atualmente é reconhecido como robusto e confiável.

5. Tomei essa medida porque a evocação não foi controlada na condução das entrevistas, sendo impossível mensurar o grau de relevância das cidades por meio da técnica estatística adotada. Sem a exclusão, entrevistas com conteúdo discrepante seriam entendidas como semelhantes apenas por suscitarem o nome de grandes capitais, como Rio de Janeiro e São Paulo.

4 FUNDAMENTOS E PARÂMETROS DA CLASSIFICAÇÃO HIERÁRQUICA DESCENDENTE

Na década de 1950, o linguista Zellig Harris introduziu uma nova abordagem na análise de dados textuais. Em seu entendimento, os discursos deveriam ser examinados a partir da distribuição de suas menores unidades identificáveis, os morfemas. Ao focar no aspecto estrutural da linguagem, a proposta de Harris (1952) foi marcada por uma preocupação formal, vinculada às possibilidades combinatórias na produção de enunciados. Se os significados particulares dos vocábulos perdiam importância, a ocorrência e a interação entre os morfemas ganhavam destaque na linguística de matriz distribucional.

Dialogando com a perspectiva harrissiana, o estatístico Jean-Paul Benzécri desenvolveu, na década de 1960, o método conhecido como Análise Fatorial de Correspondências, que se associa à análise formal da linguística distribucional. Voltado inicialmente à elaboração de um método indutivo para a análise de dados textuais, Benzécri (1977) se dedicou à criação de testes matemáticos que permitiam verificar a distribuição contextual dos vocabulários. Essa proposta se baseou na conversão dos dados brutos em abstrações quantitativas, fundadas na interação entre variáveis do tipo categórico (Beaudouin, 2016).

Em síntese, Benzécri (1992) converteu a inscrição dos dados textuais em tabelas de contingência, representando o cruzamento entre linhas (variáveis, como palavras) e colunas (observações, como em documentos ou discursos). Além de criar um algoritmo capaz de realizar essa análise, inserindo as variáveis em um plano fatorial a partir da distância distribucional, o autor inovou ao defender a utilização de *softwares* computacionais na análise linguística. Benzécri (1977) também sustentou a importância heurística da classificação, baseada em uma abordagem indutiva.

Já no final da década de 1970, o sociólogo Max Reinert criou o método *Analyse Lexicale par Contexte d'un Ensemble de Segments de Texte (Alceste)*, um prolongamento das proposições de Harris e Benzécri. No entanto, afastando-se da linguística distribucional harrissiana, Reinert (1990) não buscou verificar a combinação entre morfemas em estruturas sintáticas, mas examinar a ocorrência de vocábulos em diferentes enunciados, tratados como unidades de contexto. A escolha de palavras na veiculação de discursos, independentemente da organização particular das frases, traduziria a manifestação de visões de mundo subjacentes.

Um conteúdo textual assim concebido, além de traduzir representações singulares sobre um tema, reporta-se, em última instância, a quadros perceptivos e cognitivos com relativa coerência interna (Reinert, 1987). Com o tratamento estatístico e classificatório de uma grande quantidade de enunciados, caberia ao analista verificar as regularidades na distribuição vocabular, a partir da busca por parâmetros explicativos. Segundo Reinert (1987; 2007), tais regularidades derivam da estrutura social da população, tendo em vista os esquemas de ação e pensamento que são comunicados em entrevistas, bem como as condições sociais, culturais e narrativas que se conectam à produção dos enunciados.

É com esse entendimento que o autor desenvolveu a classificação hierárquica descendente (CHD), uma técnica capaz de cindir um *corpus* textual a partir da ocorrência vocabular. Para isso, inicialmente as palavras são lematizadas, ou seja, convertidas em suas formas reduzidas,⁶ maximizando o potencial de agregação e comparação. Em seguida, os dados textuais são inscritos em tabelas de contingência, cruzando as linhas (enunciados) com as colunas (vocábulos). Aqui, nota-se uma diferença em relação aos escritos de Benzécri: se, para esse autor, as tabelas deveriam conter a frequência das palavras em um conjunto de observações, em Reinert (1987; 1990), anotam apenas a existência (marcada com o número 1) ou a ausência (0) dos vocábulos em cada unidade de contexto. Nas tabelas, a técnica visa agrupar os enunciados com ocorrências vocabulares semelhantes, por meio de sucessivas bipartições.

Neste artigo, utilizei uma versão mais atual do algoritmo da CHD, com base nas sugestões de Ratinaud (2018). O primeiro passo consiste em dividir a tabela total do *corpus* em duas, visando à realização de testes qui-quadrado (χ^2) em cada submatriz resultante. Assim, torna-se possível mensurar a distância entre a quantidade de ocorrências em cada vocábulo (q_o)⁷ e a quantidade esperada de ocorrências em caso de confirmação da hipótese nula (q_e). As frequências esperadas são números hipotéticos, como estimativas para as frequências em caso de independência entre as variáveis. São calculadas a partir da multiplicação do total das frequências em uma linha pelo total das frequências em uma coluna, dividido pelo tamanho total da amostra. Sob esses termos, a fórmula pode ser expressa da seguinte forma:

6. Partindo dos radicais, com verbos no infinitivo e substantivos e adjetivos na inflexão singular e masculina.

7. Nas tabelas resultantes, os valores de ocorrência para cada vocábulo são somados. Ou seja, se três segmentos de texto apresentam a palavra trabalho, a célula destinada a esse vocábulo passa a ter valor três. Com isso, são realizados os cálculos do qui-quadrado a partir da comparação entre as frequências observadas e as frequências esperadas em caso de confirmação da hipótese nula.

TEXTO para DISCUSSÃO

$$x^2 = \frac{\sum(qo - qe)^2}{qe} \quad (1)$$

Em seguida, o valor do teste é dividido pelo número total de ocorrências na matriz (N), representando a soma ponderada das distâncias qui-quadrado (Guedes *et al.*, 1999). Desse modo, o algoritmo seleciona uma bipartição nas quais as tabelas resultantes maximizam os valores finais. Cada linha em seguida é “trocada” entre uma tabela e outra, e, repetindo-se os cálculos, são conservadas as alterações que originam valores superiores para o teste. Vale notar que os vocábulos pouco representativos⁸ são suprimidos.

Após esses procedimentos, mensura-se um índice de homogeneidade (C) em cada partição, e as tabelas com menores resultados, ou seja, mais heterogêneas, são alvo de novas divisões. A iniciativa inclui o número total de ocorrências na matriz (N) e os atributos da tabela de contingência:

$$C = x^2 \cdot \left(\frac{N}{(\text{número de linhas} \cdot \text{número de colunas})} \right) \quad (2)$$

Os cálculos anteriores são realizados até que uma dada quantidade de classes terminais seja obtida, sendo este um parâmetro variável que comumente é escolhido pelo pesquisador a partir de testes exploratórios. Finalmente, calcula-se o valor do qui-quadrado para a associação entre cada palavra e as classes resultantes. Para isso, levam-se em conta o cruzamento entre os vocábulos, inscritos em linhas nas tabelas de contingência e aferidos por meio das suas frequências absolutas, e as classes, contrastando uma classe sob exame e todas as outras tomadas em conjunto (Pélissier, 2017). Também é possível cruzar as classes com as características das unidades de contexto, que sintetizam, no caso desta pesquisa, o perfil dos entrevistados. O qui-quadrado e os graus de liberdade⁹ definem um valor- p , e usualmente uma associação entre variáveis é considerada significativa quando esse índice é inferior a 0,05.

A abordagem se mostrou capaz de sublinhar a estratificação do desemprego e da proteção familiar, com ênfase na justaposição entre os diferentes tipos de desigualdade socioeconômica. Ao reconhecer esses procedimentos como ajustados aos objetivos

8. Com base nos resultados dos testes qui-quadrado.

9. Quantidade de linhas menos um, dividido pela quantidade de colunas menos um. Ou seja, $gl = (l-1) / (c-1)$.

deste artigo, especifiquei como léxicos ativos¹⁰ os substantivos, os verbos e as “formas não reconhecidas”, que, no caso do estudo, atingiram as palavras hifenizadas. Foram atribuídas oito classes terminais na fase 1 da classificação, escolha tomada com base em testes exploratórios, evitando uma fragmentação excessiva dos léxicos e visando a um bom aproveitamento das ocorrências.

Uma particularidade desta pesquisa é digna de nota. São mais recorrentes os estudos que assumem os enunciados como independentes entre si, restringindo os testes estatísticos às frases delimitadas por pontuação. Em contrapartida, optei por tomar as entrevistas como unidades de análise, compreendendo o discurso de cada indivíduo como dotado de relativa coerência interna. Os cruzamentos em tabelas de contingência consideraram, então, a presença ou a ausência dos léxicos em cada entrevista, seguindo de resto os parâmetros já explicitados. Como observado em testes iniciais, a classificação por enunciados privilegia um levantamento temático (quais os principais assuntos evocados nas falas?), enquanto a análise por entrevistas elucida as diferenciações de conteúdo (como, no cerne de cada temática, ocorrem experiências pessoais distintas?). As potencialidades desta última abordagem, mais afinadas à pesquisa, justificam a sua escolha.

Essa iniciativa me permitiu chegar a um modelo de classificação do desemprego, a partir de uma técnica estatística e direcionada aos discursos orais. Os tópicos seguintes apresentam os achados da pesquisa, revelando como os indivíduos articulam as temáticas do desemprego e da esfera familiar em seus relatos.

5 AS CLASSES LEXICAIS

A CHD classificou 96,73% das 245 entrevistas presentes no *corpus*, anotando 2.855 formas vocabulares e 25.069 ocorrências. Como resultado de sucessivas bipartições, foram produzidos dois grupamentos: um formado pelas classes 1 (abarcando 22,8% das entrevistas) e 2 (26,2%), e outro pelas classes 3 (30,4%) e 4 (20,6%). Para cada classe, a tabela 2 informa os trinta vocábulos com os maiores valores do teste qui-quadrado.¹¹

10. Os léxicos ativos são os que servem de base para os cálculos.

11. Foram apresentadas apenas as palavras com valor- $p < 0,05$.

TABELA 2**Palavras mais representativas de cada classe lexical**

Ramificação 1		Ramificação 2	
Classe 1	Classe 2	Classe 3	Classe 4
Indicar	Sustentar	Deus	Concurso
Dono	Terreno	Comer	Bolsa
Ligar	Mão	Casa	Manter
Advogado	Faxina	Necessidade	Começo
Esposo	Tio	Dinheiro	Direito
Escritório	Profissão	Luz	Ajuda
Serviço	Aposentar	Rua	Melhorar
Deixar	Bar	Água	Estudar
Colocar	Montar	Sobreviver	Cobrar
Vir	Entrar	Veza	Acabar
Arrumar	Casar	Mês	Tender
Mulher	Primo	Graça	Estudo
Mesada	Prefeitura	Preocupar	Conflito
Monte	Educação	Bolsa Família	Situação
Bico	Barraca	Dar	Final
Cunhado	Processo	Tirar	Fossar
Lugar	Início	Faltar	Termo
Entrevista	Beber	Despesa	Estabilidade
Trabalho	Seguida	Nascer	Decidir
Cidade	Menina	Pagar	Mudar
Causa	Completar	Viver	Oportunidade
Surgir	Continuar	Mãinha	Meio
Salão	Negócio	Mexer	Área
Formação	Virar	Telefone	Formar
Ensinar	Época	Moço	Mestrado
Bancar	Vender	Querer	Relação
		Mãe	Professor
		Gente	Passo
		Pegar	Carro
		Vida	Hora

Fonte: *Corpus* desenvolvido a partir do banco de dados da pesquisa Radiografia do Brasil Contemporâneo.

Elaboração do autor.

Pela simples visualização, é possível afirmar que as classes são bastante diferentes entre si. Ao pensarmos nas experiências de desemprego e tomando a família como referência discursiva, a primeira ramificação (classes 1 e 2) opõe a advocacia e a faxina, o escritório e o bar. Já a segunda ramificação (classes 3 e 4) contrasta a necessidade e a estabilidade, bem como a insegurança alimentar e o engajamento em concursos públicos.

Para um exame mais acurado, outros expedientes mostram-se necessários. O próximo passo consiste em inserir os léxicos em um plano cartesiano, a partir de uma análise fatorial de correspondência (AFC). Na figura 1,¹² o tamanho das palavras condiz com os valores do teste qui-quadrado para as classes, enquanto a definição das coordenadas advém da chamada distância distribucional, que é calculada da seguinte forma: entre dois léxicos $L1$ e $L2$, definidos por colunas em uma tabela de contingência, anotam-se os valores referentes ao cruzamento com as unidades de análise, no caso as entrevistas, definidas por linhas (i). Para cada cruzamento, é contabilizado o quadrado da diferença dos valores entre os léxicos. A diferença é representada por $fL1_i - fL2_i$, sendo $fL1_i$ o valor obtido para o léxico $L1$ na linha i . Em seguida, o resultado é multiplicado por um coeficiente que deve contemplar o princípio da equivalência distribucional, assumindo o valor de $1 / f_i$ sendo f_i a soma dos valores de todos os léxicos na linha i . Ao analisar a tabela em sua totalidade, a distância ao quadrado entre os léxicos $L1$ e $L2$, já que direcionada a uma dupla resposta para cada cruzamento, é assim representada:

$$d^2(L1, L2) = \sum \left\{ \frac{(fL1_i - fL2_i)^2}{f_i} \right\} \quad (3)$$

Como resultado, na figura 1, a ramificação composta pelas classes 1 (roxo) e 2 (rosa) localiza-se à esquerda do plano; e as classes 3 (verde) e 4 (laranja) encontram-se no lado contrário. As linhas tracejadas delimitam os diferentes temas comunicados nas entrevistas. Pelo fator 1 (cisão vertical), os vocábulos situados no lado direito do plano evocam aspectos da vida familiar, privilegiando as atividades do dia a dia e o acesso a bens, enquanto no lado esquerdo, ocorrem remissões aos períodos de entrada e saída do mercado de trabalho. Já o fator 2 (cisão horizontal) diferencia a quantidade

12. Na figura 1, constam os léxicos que, em associação com as classes, apresentaram valores para o teste qui-quadrado iguais ou superiores a quatro. Visto que o Iramuteq não permite números decimais, esse valor é o que mais se aproxima dos valores mínimos do qui-quadrado encontrados na composição das classes, evitando que palavras sem associação significativa fossem incluídas. No entanto, algumas palavras apresentaram valores inferiores a quatro para o qui-quadrado e, mesmo assim, revelaram valor- $p < 0,05$: *tomar* na classe 1; *vender* na classe 2; *levar* na classe 3; e *história, fonte, prazo, maneira, fevereiro, vestibular, poupança, piorar, pesquisa, pesar, graduação, folga* e *exercer* na classe 4.

Após esse panorama, convém diferenciar os pares lexicais indicados pelo fator 1 (temas comunicados nas entrevistas), de modo a verificar como são atravessados pelo fator 2 (quantidade de recursos). Com esse objetivo, os subtópicos seguintes tratam dos pares de classes da figura 1, opondo, separadamente para cada um desses pares, os léxicos nas posições superior e inferior do plano. Privilegiarei os léxicos com maior poder explicativo e cujos sentidos foram minimamente compartilhados pelos entrevistados. Isso evita a utilização de palavras com significados muito diversos, o que prejudicaria a comparabilidade intra e interclasses. Na apresentação dos resultados, nomearei as classes por expressões curtas, sintetizando as suas principais características. Também incluirei excertos das entrevistas na descrição de cada classe, pois seria difícil, apenas pela constatação das ocorrências vocabulares, apreender o significado das palavras e os contextos de emissão dos enunciados.

5.1 Desemprego e vida familiar

Como demonstra a figura 1, o lado direito do nosso “mapa” está apartado em diferentes polos de condições de existência, revelando como a esfera familiar é afetada pela perda do trabalho, ou se organiza em decorrência disso.

Na parte inferior do plano e na cor verde, os léxicos da classe 3, agora denominada *em disputa por necessidades básicas*, descrevem a obstrução no acesso a recursos essenciais, sobretudo no tocante à moradia e alimentação. Despontam palavras como comer e sobreviver, da mesma forma que as entrevistas listam os gastos da casa, como em pagar, água, luz, telefone e feira. Pelo teste qui-quadrado é possível anotar uma associação significativa entre essa classe e o sexo feminino, ocorrendo o mesmo para a categoria racial preta (ambos com $p < 0,01$). Os resultados indicam, sobretudo, uma estratificação socioeconômica da experiência familiar do desemprego, demarcando formas muito distintas de acesso a bens e serviços.

Ainda que sejam registradas redes de troca entre parentes, a classe *em disputa por necessidades básicas* assume os contornos da precariedade e da escassez. Reunindo léxicos nos quais as demandas familiares mais fundamentais não são percebidas como garantidas, mas passíveis de disputa cotidiana, direciona-se especialmente à dimensão material, como em faltar, renda e dinheiro, enfatizando também sua interface com o Estado, a partir do usufruto de benefícios socioassistenciais (Bolsa Família).

TEXTO para DISCUSSÃO

As dificuldades de inserção profissional ultrapassam períodos circunscritos, acompanhando o decurso das biografias. Da mesma forma, extrapolam os limites da experiência individual, o que evidencia a formação de redes de desempregados.

O pior é que sou eu sozinho, né, que minha mulher não está trabalhando mais. Ela está desempregada. Meu enteado também, que eu tenho outra mulher, e um enteado também está desocupado, não tem como trabalhar. Então eu vou vivendo a vida assim: pego com um, pago o outro, pago mais outro e assim vou pagando água, luz, isso, aquilo e aquilo outro, daí o negócio [da conta] do telefone, tudo. Eu mando a mulher guardar. Deixa guardado, deixa guardado. Quando precisar, a gente gasta só um pouquinho (homem pardo, 53 anos, ensino fundamental incompleto, São Paulo capital).

Porque o meu aperreio todo é faltar alimentação dentro de casa (...) Sem emprego, sem renda, só com o Bolsa Família, que é fixo mas qualquer hora pode acabar, está entendendo? Os filhos já estão ficando tudo grande... Aí, sem casa, morando de aluguel, só com o Bolsa Família, e pensando dia e noite no que vai ser e no que vai ter hoje e amanhã. Às vezes eu peço esmola porque não tem jeito. Quando peço, eu estou dizendo para mim e para o povo que fracassei, né? (mulher preta, 44 anos, ensino fundamental incompleto, Natal).

A respeito das estratégias familiares de acesso a recursos, os relatos se guiam por uma temporalidade imediata, sendo o *mês* a mais recorrente unidade de referência. Além de enfatizar a preocupação com as despesas, esse aspecto revela a limitada eficácia das entreajudas, que exprimem uma tentativa de “sobreviver” (ou “viver”) em meio a um cenário econômico adverso. Entre o *pedir* e o *ajudar*, como consequências do *precisar* e do passar *necessidade*, os indivíduos intentam o acesso a bens e a oportunidades de trabalho. Chama atenção, ainda, a farta utilização de expressões religiosas, como Deus e graça.

Eu não estou trabalhando mais, é só o meu marido. Mas está ruim de trabalho. Ele trabalha numa oficina, ajudando, ainda está aprendendo a mexer em carro, a consertar, aí o dono só chama e paga quando tem mais serviço, aí é mês com mais, é mês com menos dinheiro. Se tivesse a casa mudava muito, porque o que a gente tem não dá para muita coisa, ou você paga o aluguel e come, ou não faz nada (...) Quero trabalhar para ajudar, ter condição de comprar coisas pro meu filho, sair do aluguel. Pode até parecer pecado, Deus me perdoe se eu estiver pecando, mas você levar uma vida sem ter condição de nada, nem de morar, nem de comer, isso não é vida, porque você só consegue isso, e muito mal, sofrendo, pedindo emprestado, sem perspectiva nenhuma. A gente fica

sobrevivendo como se estivesse numa guerra (mulher parda, 26 anos, ensino fundamental completo, Natal).

É que a minha família é muito grande e nós estamos sofrendo muito. Saímos eu e mais dois irmãos e viemos pra cá, só que nós estamos precisando de ajuda. Eles são de maior, mas eu não sou. E eu preciso de trabalho pra poder mandar um dinheiro pra casa. Eu quero trabalhar (homem branco, 52 anos, ensino fundamental incompleto, Manaus).

O apoio familiar assume um caráter limitado, concentrando-se nas demandas emergenciais. De um lado, o *juntar* condiz com a reunião das economias familiares e a formação de poupanças modestas. De outro, nota-se o cuidar de indivíduos dependentes, particularmente de crianças. Se, por vezes, a solidariedade intergeracional é capaz de prover recursos básicos, em outras, o desemprego aparece como um obstáculo incontornável. Ademais, a maternidade (*nascer e filho*) assume posição de relevância, como uma experiência fortemente afetada pelas incertezas do desemprego. Também é importante o papel das *mães*¹³ nos relatos, como figuras que demandam ou que proveem cuidado.

Eu já tinha essa ideia, aí cheguei para minha esposa, na época a gente ainda estava namorando, e disse: “olha, eu estou juntando dinheiro pra abrir uma temakeria futuramente, daqui a uns dois, três anos” (homem pardo, 30 anos, ensino médio completo, Recife).

Quando a minha neta nasceu eu fiquei cuidando dela. Antes eu tive uma lojinha, mas eu parei porque não estava podendo mais viajar. Aí não deu muito certo, passei três anos dentro de casa e, devido a minha idade, você sabe... Eu não tenho nem o segundo grau completo, então as coisas ficam mais difíceis, o mercado de trabalho... A minha filha mais nova, a mãe da bebê, ela sempre trabalhou, só ficou parada no período que teve neném, oito meses. Aí ela disse: “Não, mãinha, eu vou trabalhar e tu fica cuidando da menina”, da minha neta. Ela e meu outro filho me ajudaram (mulher parda, 44 anos, ensino fundamental incompleto, Natal).

Já os vocabulários da classe 4, situados na posição oposta do plano e na cor laranja, associam o desemprego a outros desafios cotidianos. Nessa classe, intitulada *investimento e circulação de recursos*, a vida familiar passa a ser associada ao suporte material e à projeção do indivíduo para ocupações entendidas como adequadas, revelando uma associação significativa com o ensino superior completo ($p < 0,01$), com a categoria racial branca ($p < 0,05$) e com o sexo masculino ($p < 0,05$).

13. Ou “mãinha”, como uma palavra carinhosa e informal utilizada nos estados nordestinos.

TEXTO para DISCUSSÃO

Vale notar a tentativa de *manter* as despesas individuais ou domiciliares durante a privação do trabalho, o que confere à *estabilidade* um caráter decisivo nas biografias. Todavia, as oscilações nas condições financeiras (que podem *melhorar* ou *piorar* em momentos de dificuldade) demandam o reordenamento de expectativas e a realização de certos ajustes, mas sem riscos à sobrevivência do grupo.¹⁴ O mapeamento das oportunidades integra o plano das escolhas, em trajetórias nas quais estão assegurados os recursos básicos. Logo, as falas ressaltam a importância do *decidir* na procura por empregos, levando em conta a *área* de atuação profissional.

Por causa do desemprego, ocorrem mudanças nos padrões familiares de consumo. Os gastos suplementares e não imperativos, como em *carro* e *apartamento*, tendem a se distanciar dos entendidos como ideais. Em complemento, o acesso ao *seguro-desemprego* e a *bolsas* decorre, respectivamente, do caráter formal de empregos anteriores e do engajamento educativo.

Então essa foi uma época bem dura. Eu não conseguia guardar dinheiro, não conseguia comprar um carro, não conseguia nem pensar em dar entrada num imóvel, não conseguia juntar dinheiro e muito menos pagar um aluguel pra sair da casa dos meus pais, porque o ideal teria sido alugar um lugar pra gente morar, eu e ele, mas enfim, na época, sozinha, eu não conseguia. Ele demorou pra arrumar emprego (mulher branca, 39 anos, ensino superior completo, Manaus).

Pra quem está desempregado, não dá pra ficar num apartamento que é realmente caro. Atualmente, eu ainda consigo manter isso, a minha parte da divisão dos gastos entre mim e meus pais, porque eu estou com seguro-desemprego. Mas em abril ele acaba, em abril é R\$ 1.100 a menos. E aí eu só vou ficar com a bolsa de R\$ 600. Só com isso, eu não vou conseguir manter aluguel e os gastos que a gente acaba tendo, com transporte pra ir pra universidade, alimentação (...) não vai ser viável (homem branco, 24 anos, Ensino Superior completo, Salvador).

Em geral, as falas expressam o papel do suporte familiar, especialmente por via intergeracional, com vistas a amortecer os efeitos adversos do desemprego e salientando a forte participação da figura paterna (*pai*). Tal *apoio* ou *ajuda*, ainda que sujeito a “conflitos” no ambiente familiar, permite a dedicação pessoal a atividades que escapam de uma tentativa imediatista de inserção laboral, o que sintetiza a experiência do desemprego nos estratos escolarizados. Esse elemento se vincula ao papel das “poupanças”, no sentido de atenuar, pelo menos de maneira passageira, os efeitos

14. O léxico *alimentação*, ao contrário do observado na classe anterior, se refere a uma caracterização mais genérica das despesas pessoais e domiciliares, que não estão sob ameaça.

negativos do desemprego. Já o léxico *costrar* revela tanto sua afirmação, como uma interferência externa nas trajetórias, quanto sua negação, a partir da desobrigação do indivíduo em prover rendimentos.

Aí eu comecei a pensar em fonte de renda, porque eu preciso ter uma fonte de renda. Sem uma fonte de renda, o que é que eu vou fazer? Engraçado que eu tinha pedido apoio para o meu pai. Como eu tinha ficado sem trabalhar, pedi para ele me ajudar com os livros. Aí ele quis saber quais eram os meus planos. Eu disse, “pai é o seguinte, eu estou estudando para concurso, e o meu limite são três anos, se eu não passar, vou abrir o meu escritório (mulher, branca, 37 anos, ensino superior completo, Natal).

Consegui manter por um tempo, depois que eu terminei o meu curso, a poupança já foi, né, com os gastos diários (...) Olhe, eu acho que o poder de compra da família é bem melhor hoje em dia, por causa da valorização, principalmente, do salário do meu pai, porque ele é a única fonte de renda da casa, e hoje em dia, ele ganha muito mais do que vários anos atrás (homem branco, 29 anos, ensino superior completo, Recife).

O suporte familiar se dirige às experiências educativas, como em *estudar, curso, estudo, formar, graduação*, com destaque para o curso de direito, e *mestrado*; e ao ingresso laboral planejado, como em *concurso*, associado à palavra *prestar*. As iniciativas assumem uma temporalidade mais ampla, baseada em investimentos pessoais e familiares de longo prazo, muito embora a não garantia de sucesso (o não *conseguir*) acarrete o *tentar* e o *correr atrás*. Nesses casos, outras medidas podem ser implementadas, como o ato de entregar currículos, e os léxicos passam a evocar as dificuldades de inserção profissional por indivíduos com formação universitária.

Eu já tinha sondado um emprego em Porto Alegre, tinha feito umas dinâmicas para trabalhar em qualquer coisa. Aí meu pai me falou: “a gente paga um cursinho, e você faz um concurso. Nós vamos te ajudar nisso, se é isso que tu queres”. Beleza! Já estávamos no mês de dezembro, quando foi em fevereiro fui para Porto Alegre e fiquei na casa de uma amiga da mãe. Aí fiz o cursinho para prestar concurso (homem branco, 34 anos, ensino médio completo, São Paulo, capital).

Então eu acabo sempre tendo que ter dois planos, um que seria a longo prazo e que teria mais tempo pra executar e outro que é assim “ou eu vou estudar pra concurso ou vou entregar meu currículo nas lojas” (...) Ao mesmo tempo, minha mãe é muito carinhosa comigo, é muito parceira, por dizer “Eu sei que você quer estudar e eu apoio que você continue estudando, que você continue tentando

já que você quer estudar pra concurso, quer estudar pra o mestrado, continuar estudando na universidade” (...) Eu também tenho recebido muita ajuda das pessoas que estão perto de mim e de parentes mais distantes, que me ajudam e conseguem bancar as despesas pra que os meus pais não tenham tanta despesa comigo. (...) os cursos eu ganho de presente de um parente meu, que falou que quer investir em mim (mulher parda, 24 anos, ensino superior completo, Natal).

5.2 Família e inserção no mercado de trabalho

Os léxicos localizados no lado esquerdo do plano traduzem os períodos de entrada e saída do mercado de trabalho, informando as medidas de inserção laboral. Em contraste à forte oposição observada no tópico anterior, aqui as classes se encontram mais interligadas, sendo que um ou outro léxico se desloca para o quadrante da classe oposta.

Na posição inferior do plano e na cor rosa, a classe 2, rotulada de *inserção laboral precária*, congrega ocupações com baixos rendimentos, como em *faxina, bar e barraca*. Já o léxico *educação*, localizado no quadrante superior do plano, inclui as experiências profissionais de indivíduos com formação universitária, embora estes também tenham relatado salários insuficientes e uma alta rotatividade de empregos. Cabe ressaltar que a classe 2 expressou uma associação significativa com o ensino fundamental completo ($p < 0,05$).

E nessa época que a minha filha nasceu, eu estava desempregada, então fui pra casa da minha mãe (...) Olha, financeiramente, foi muito difícil. O início, então, foi complicado demais, porque eu, desempregada, vivia dependendo dos outros (...) Só que eu não abri mão da minha filha por nada. Se eu tivesse que comer feijão puro, ela ia comer feijão puro junto comigo. E eu não tenho vergonha de falar: eu fiz até faxina (mulher branca, 51 anos, ensino médio completo, Rio de Janeiro, capital).

Eu saí da cooperativa e fui trabalhar com educação de adultos à noite, e na escolinha era de dia. Antes de começar nessa escolinha eu estava desempregada, e um amigo me indicou para fazer faxina na casa de um rapaz, porque eu tinha meu filho pequeno e a pensão era pouca. Meu pai achava aquele trabalho um absurdo. Ele dizia “filha, você é professora, e vai para esse trabalho”. Eu respondia “pai, diploma não paga as contas” (mulher branca, 45 anos, ensino superior completo, Osasco).

Ganha ênfase o caráter incerto das ocupações, sendo que a escolha de uma *profissão*, de caráter emergencial, extrapola o desejo dos entrevistados. Desponta uma alta incidência do setor informal, que se traduz na tentativa de *montar* o próprio *negócio*, enquanto a atuação no comércio é evocada pelo ato de *vender*. E reportado ao risco nas trajetórias, o léxico *aposentar* demonstra tanto a dificuldade de acessar benefícios previdenciários quanto a necessidade de procurar trabalho após a aposentadoria.

Mas depois a gente [o entrevistado e a esposa] foi se endireitando e eu sempre fui de ir atrás, se eu não conseguia emprego naquela profissão eu pegava qualquer outra coisa, não escolhia muito (homem pardo, 57 anos, ensino fundamental completo, Porto Alegre).

Porque o meu pai trabalhava em obra, aí ele teve um derrame e ficou um tempo sem trabalhar. Daí ele se aposentou por invalidez. Mas como o dinheiro da aposentadoria é muito pouco, ele fazia uns biscates, vendia doce, picolé, e os meus irmãos iam com ele, desde pequeninhos, vender picolé, vender rapadura (mulher branca, 40 anos, ensino fundamental completo, Porto Alegre).

A classe *inserção laboral precária* também revela certas iniciativas familiares durante períodos de constrangimento material. Alguns provedores se responsabilizam por *sustentar* as unidades domésticas frente ao desemprego de parentes, a partir de acordos não necessariamente harmoniosos. Por sua vez, a expressão *se virar* aponta para projetos emergenciais de acesso a recursos, quando indivíduos e suas famílias, sem muitas alternativas, tentam se adaptar às oportunidades disponíveis.

Dois tios que vieram trabalhavam. Sustentavam a casa (...) Eles tinham emprego, ficaram pagando aluguel. Aí com meus 18 anos, quando tirei a carteira de identidade, eu comecei a trabalhar (...) Um tio que eu tinha reclamava muito, ficava jogando na cara pra ir eu trabalhar (homem pardo, 45 anos, ensino fundamental completo, Brasília).

Então hoje eu estou aqui [no setor de limpeza da Universidade Federal do Amazonas]. Depois que eu me desempreguei lá do restaurante, fiquei acho que uns seis meses sem trabalhar. Eu também sou só, tenho 2 filhos e ficava muito agoniada, fazia meus extras por aí, fazia faxina, tudinho, mas minha mãe, graças a Deus, junto com meus irmãos, sempre me ajudando, até que eu consegui, de tanto correr atrás, correr atrás [...] Eu que vendo pra ajudar ela a pagar a faculdade, já que também tá desempregada. E a gente vai se virando (mulher indígena, 35 anos, ensino fundamental completo, Manaus).

TEXTO para DISCUSSÃO

Já a classe 1, denominada *trajetórias laborais alavancadas por auxílios*, aparece na posição superior do plano e na cor roxa. Reunindo experiências mais estáveis no mercado de trabalho, a classe não revelou uma associação significativa com nenhum dos perfis examinados, embora a figura 1 tenha demonstrado uma proximidade, no plano cartesiano, entre as *trajetórias laborais alavancadas por auxílios* e os indivíduos escolarizados.

Como em *advogado e escritório*, os testemunhos dão conta de ocupações com proventos mais altos. Mas a diversidade da classe se faz perceber em outros tipos de trabalho, como no *salão* (no caso, salões de beleza), na realização de *bicos* e na prestação de *serviços* diversos. Esses três léxicos, embora integrem a presente classe, estão localizados no quadrante inferior do plano, em posições mais próximas da classe *inserção laboral precária*.

Terminei a faculdade e logo me casei. Trabalhava em um escritório pequeno e atendia a algumas empresas. Aí meu marido recebeu uma proposta de um primo dele que tinha uma transportadora aqui em São Paulo, em 2007, e a gente veio para cá. E eu disse: “vamos, eu sou advogada e posso trabalhar em qualquer lugar”. A gente veio e logo eu comecei a trabalhar em um escritório que minha irmã me indicou (mulher branca, 32 anos, ensino superior completo, São Paulo, capital).

A minha mãe está desempregada, mas ela era cozinheira. E o meu pai também está desempregado. Ele era mestre de obra, mas como ele não tem nenhuma formação e hoje procuram mais por engenheiros, ele perdeu muito serviço por causa disso. Hoje, ele faz bico de pedreiro (mulher parda, 23 anos, ensino médio completo, Natal).

Os atos de *indicar*, *arrumar* e *ligar* informam a mobilização das redes familiares no acesso a ocupações, a partir do auxílio do núcleo familiar ou da rede extensa. Já a oferta de *mesadas* e o ato de *bancar* tratam do suporte familiar durante a procura por trabalho, amortecendo os efeitos do desemprego e diminuindo as pressões por geração de renda.

Aí fui indicado pelo meu tio-avô, que é político e virou presidente de um órgão aqui em Belém. Ele me colocou pra estagiar lá. Na época, trabalhava quatro horas por dia, ganhava um salário e não fazia nada (homem branco, 29 anos, ensino superior completo, Belém).

Meu filho estuda cinema, está no terceiro ano de cinema. Hoje ele já me ligou. Ele está sem trabalho e disse que está aperreado e tal. Aí eu indiquei pra ele dois cursos de fotografia e de desenho, porque ele sempre foi exímio desenhista. Eu vou bancar esses cursos pra ele porque eu acredito que possibilitando e ajudando na sua formação, ele possa ter mais oportunidades (mulher branca, 51 anos, ensino superior completo, Recife).

As falas também destacam a atuação de parentes no acesso a ocupações, tendo em vista o uso de contatos úteis. Então, nota-se a intermediação familiar junto aos *donos* de empreendimentos, sendo que a participação em *entrevistas de emprego*, como a etapa final de processos seletivos, decorre do contato prévio de parentes.

Eu fiquei um ano sem fazer nada. Sem estudar, sem trabalhar. E depois, no outro ano, consegui um emprego num escritório de contabilidade onde a minha prima trabalhava (...) Aí a minha mãe achou outro emprego para mim, que é esse emprego que eu tenho hoje. Na verdade, eu já conhecia a dona do escritório há muito tempo. A filha dela era amiga de uma vizinha minha (mulher branca, 26 anos, ensino médio completo, Porto Alegre).

A divisão entre essas duas classes evidenciou como, em diferentes grupos sociais, o apoio familiar durante o desemprego articula estratégias individuais e familiares de procura por trabalho. Em certa medida, o *sucesso* da procura por trabalho depende da disponibilidade e das características das redes interpessoais, incluindo aquelas centradas na família. O *lugar* ocupado no campo, levando em conta o nível de renda, os atributos pessoais, a trajetória ocupacional e a participação em redes interpessoais e institucionais, define quais estratégias de procura por trabalho estão ao alcance dos indivíduos.

6 DISCUSSÃO

Este artigo analisou a interface entre o desemprego e a esfera familiar, com foco no cenário metropolitano e examinando relatos biográficos a partir de um olhar estatístico. Pela elaboração indutiva de classes lexicais, os escritos evidenciaram as múltiplas formas de experimentar o desemprego em um contexto marcado por graves disparidades socioeconômicas. Foram debatidos tanto os impactos da exclusão laboral no dia a dia de indivíduos e grupos quanto as estratégias, em grande parte familiares, de persecução de recursos.

O levantamento da literatura colocou o artigo em diálogo com pesquisas que, sem partirem de um viés determinista sobre os efeitos do desemprego nas relações familiares, reconhecem as famílias como o *lugar* no qual os indivíduos experimentam suas condições de existência. Pouco a pouco, passou a ganhar ênfase a interface entre as características estruturais dos sistemas produtivos e dos sistemas de bem-estar, de um lado, e os padrões de relacionamento interpessoal, de outro, que se expressam nas formas de organização familiar e de divisão de papéis geracionais e de gênero. Em particular, a literatura brasileira tem discutido como as relações familiares cumprem um papel decisivo na procura por trabalho e na circulação informal de bens e serviços, dados os limites da proteção social pública e das políticas de emprego. A análise de um banco de dados qualitativo e variado me permitiu classificar as experiências familiares durante o desemprego, tema que articula os impactos desiguais do desemprego nas condições de existência e os repertórios familiares de suporte material e afetivo.

De início, apresentei um panorama das regularidades presentes nos relatos, confrontando, logo em seguida, os pares de classe a partir dos léxicos e dos perfis pessoais. Os resultados atestam um *continuum* no acesso a recursos que segue os extremos inferior e superior do plano. As desigualdades socioeconômicas se justapõem, o que indica que a estratificação da proteção familiar durante o desemprego decorre de um sistema multidimensional de diferenças econômicas (os recursos disponíveis e os ativos que podem ser mobilizados no mercado de trabalho) e hierarquias simbólicas (como os indivíduos são avaliados pelo mercado de trabalho e assumem posições nas redes interpessoais).

A oposição entre as classes que compõem o lado direito do plano ilustra aspectos mais amplos da vida em família. A classe *em disputa por necessidades básicas* é representada por indivíduos com baixa escolaridade – embora de forma dispersa, sem associação significativa com os níveis educativos –, com participação importante de mulheres e pretos. Nesses grupos, foram verificadas deteriorações mais graves das condições financeiras durante experiências de desemprego, atualizando os achados de Guimarães, Silva e Farbelow (2004).

Vimos que o desemprego representava uma ameaça à sobrevivência do grupo doméstico, devido aos longos períodos de procura por trabalho, à escassez de recursos complementares e à existência de redes de desempregados, o que dificultava a circulação de entreajudas. Nesses casos, o desemprego não constitui uma experiência datada, mas um problema que acompanha as biografias pessoais, traduzindo períodos recorrentes nos quais os recursos básicos são alvo de disputa cotidiana.

O desemprego feminino apresentou efeitos especialmente negativos nos arranjos formados por uma única provedora com filhos, que são sobrerrepresentados entre os pobres (Maia *et al.*, 2015; Raiher, 2016). Esse fenômeno é adensado por algumas características das trajetórias femininas. A literatura aponta que as mulheres enfrentam maiores chances de desemprego de longa duração, acessam políticas de emprego com menos frequência, conjugam tarefas produtivas e reprodutivas e se engajam em ocupações com piores salários, o que prejudica a formação de poupanças (Montagner, 2004; Menezes e Cunha, 2013; Hirata, 2014). Nas entrevistas, a maternidade é descrita como uma experiência incerta, por causa da escassez de recursos e do aumento da demanda pelas atividades de cuidado. Nos estratos empobrecidos, essa demanda costuma ser sanada pelas relações informais de parentesco, sobretudo a partir da atuação de parentes do sexo feminino (Guimarães, 2020). Tudo aponta para uma associação significativa entre o desemprego feminino e a precariedade das condições materiais, o que define, em grande parte, a classe *em disputa por necessidades básicas*.

Também foi registrada uma diferenciação dos discursos dos entrevistados entre os grupos raciais: muitos indivíduos que se declararam pretos vincularam o desemprego a experiências de precariedade e escassez, de maneira muito mais frequente do que os brancos e amarelos. A literatura é unívoca em afirmar que os trabalhadores pretos costumam assumir as piores posições da estrutura ocupacional, com consequências de longo prazo para suas trajetórias pessoais (Cardoso, 2013). Por sua vez, Lima (2012) afirma que, além de os pretos e pardos estarem sobrerrepresentados entre os pobres, a pertença racial é decisiva para o acesso a oportunidades, combinando posição social do indivíduo, processos discriminatórios, transmissão intergeracional de recursos e as características do território e das redes interpessoais. É incontornável discutir o papel da raça na estratificação social brasileira, cujo efeito mais palpável é a existência de desvantagens sistemáticas para os pretos e pardos (Barreto *et al.*, 2017).

A influência da raça na definição das classes lexicais é um fenômeno multifacetado. Devido às piores condições de vida, os impactos do desemprego tendem a ser mais severos entre os indivíduos pretos, pois, na impossibilidade de juntar poupança ou acessar recursos via parentes, a satisfação das necessidades básicas está atrelada ao trabalho diário. Segundo dados da PNAD Contínua, no início de 2016, 29,1% dos indivíduos autodeclarados pretos nas regiões metropolitanas habitavam em domicílios com renda *per capita* de até metade do salário-mínimo, contra 13,3% dos brancos. Em outras palavras, pretos e brancos vivem em cenários econômicos bastante diferentes, sendo que os primeiros, ao contrário dos últimos, tendem a relatar o desemprego como uma ameaça à sobrevivência do grupo doméstico. A isso se soma o fato de os

trabalhadores pretos costumarem atuar em setores com alta rotatividade profissional, tais como a construção civil e os serviços domésticos, o que torna o desemprego um problema recorrente nas biografias pessoais e que prejudica projetos duradouros de obtenção de recursos. Finalmente, outras desvantagens se acumulam nas trajetórias desses indivíduos, tais como as piores condições de infraestrutura dos bairros de moradia, com prejuízo ao acesso a bens e serviços, e menores chances de término da educação básica e acesso ao ensino superior.

Em retrospecto, na classe *em disputa por necessidades básicas*, as estratégias familiares de acesso a recursos assumem um caráter difuso, direcionadas às demandas mais imediatas e essenciais, especialmente o pagamento de contas e a compra de alimentos. Já no lado oposto do plano cartesiano, os indivíduos que compõem a classe *investimento e circulação de recursos* – com formação universitária, notadamente homens e brancos – associam o desemprego a certas mudanças nos padrões de consumo, provocando a redução de gastos suplementares e não imperativos. As estratégias familiares movimentam quantidades significativas de recursos, a partir do investimento educacional e visando ao ingresso em melhores empregos. Para isso, o apoio material e afetivo desempenhado por parentes é muito importante, principalmente por via intergeracional, o que dialoga com o estudo de Binns e Mars (1984) sobre os estratos médios.

Essa classe lexical pode ser definida como o contrário da primeira, no que diz respeito aos seus léxicos e aos perfis pessoais. Os homens brancos experimentam a justaposição de duas das posições mais seguras no mercado de trabalho, devido a fatores como maior estabilidade e formalização ocupacional, o que beneficia, ao mesmo tempo, os projetos de acesso a recursos e às políticas de emprego), períodos mais breves de desemprego e baixa demanda pelo desempenho de trabalho reprodutivo (Guimarães e Brito, 2008; Sorj, 2013; Hirata, 2014). Quando muito, o desemprego aparece como um desvio de percurso, provocando mudanças na rotina do desempregado e de seus familiares.

Por duas razões, a escolaridade elevada aparece como uma marca importante dessa classe lexical. Em primeiro lugar, a despeito de mudanças historicamente recentes, no Brasil, o nível escolar revela uma alta capacidade de predizer a origem social (Ribeiro, 2017). Os indivíduos com formação universitária, como os que integram a classe *investimento e circulação de recursos*, tendem a desfrutar de montantes de recursos mais significativos nas famílias. E em segundo lugar, a escolaridade constitui um importante ativo no mercado de trabalho, determinando as chances econômicas

dos trabalhadores (Lauer, 2003; Borges, 2006). Com efeito, os impactos do desemprego tendem a ser reduzidos entre os trabalhadores com nível superior, pois não é raro que desfrutem de poupança, acesso a seguros, em particular, devido à participação em empregos formais, e auxílios de parentes mais bem posicionados no mercado de trabalho. Em vez de despontar como um período de angústia e privação, o desemprego condiz com uma tentativa de recolocação no mercado de trabalho, de forma planejada e a longo prazo. Enquanto isso, a identidade profissional é conservada, e a procura por trabalho costuma se concentrar em determinados nichos ocupacionais, experiências que são típicas dos trabalhadores qualificados (Hirata e Humphrey, 1989).

Por sua vez, a divisão entre as classes situadas à esquerda do plano cartesiano exprimiu os períodos de entrada e saída do mercado de trabalho, reforçando o papel da família nas estratégias de acesso a recursos. Aqui, ainda que as diferenças entre as classes mereçam realce, suas fronteiras são porosas, ao contrário da ramificação anterior, marcada por uma divisão muito nítida.

A classe *inserção laboral precária* reúne ocupações instáveis e com baixos rendimentos e apresentou uma forte associação com o ensino fundamental completo. Nessa classe, o suporte familiar está orientado ao sustento básico e às tentativas de inserção profissional, comumente no setor informal da economia. Os trabalhadores tendem a possuir baixa escolaridade e poucos recursos, e seus relatos traduzem muito bem o que Telles (2006) denomina por “viração”. A partir de empreendimentos variados, o “se virar” retrata soluções temporárias e emergenciais, em resposta às demandas de curto prazo e ao fechamento do mercado de trabalho. Para isso, o suporte familiar se revela indispensável.

Já na classe *trajetórias laborais alavancadas por auxílios*, os léxicos identificam ocupações com melhores salários, a despeito de uma grande diversidade interna. Os investimentos familiares assumem a intermediação laboral e a desobrigação financeira como alvos principais, com o objetivo de melhorar as condições de procura por trabalho. Vale notar que algumas iniciativas, como a circulação de informações ocupacionais e a criação de canais de comunicação entre empregadores e desempregados, são decisivas para o sucesso dessa procura. Isso é ainda mais importante no Brasil, onde o mercado de trabalho é opaco e pouco institucionalizado, o que faz com que os trabalhadores dependam de contatos informais para se tornarem competitivos. Os relatos, sobretudo de indivíduos escolarizados, enfatizam o papel das famílias na facilitação do acesso a ocupações, bem como na garantia das condições de procura.

Ao contrapor desempregados com perfis socioeconômicos diversos, os escritos avançaram em um terreno ainda pouco explorado em nossa literatura, abordando as experiências de desemprego a partir do tratamento estatístico de dados qualitativos, oriundos de entrevistas. Além de dialogar com contribuições recentes da literatura brasileira sobre o tema, o artigo apresenta uma interpretação autoral acerca da interface entre família e desemprego em diferentes grupos sociais. Ainda assim, pesquisas futuras podem aprofundar o entendimento sobre as trajetórias de indivíduos desempregados, considerando as relações intrafamiliares e as mudanças observadas ao longo dos ciclos de vida. Também vale indagar como a estratificação da experiência de desemprego, discutida ao longo deste artigo, mudou após a pandemia de covid-19. Essa agenda pode elucidar as disputas em torno da elaboração e da implementação de políticas públicas; as transformações das fronteiras entre o desemprego, a ocupação e a inatividade; e os efeitos socioeconômicos da pandemia em diferentes grupos de trabalhadores.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, Paula *et al.* Entre o isolamento e a dispersão: a temática racial nos estudos sociológicos no Brasil. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 5, n. 11, p. 113-141, 2017.
- BEAUDOUIN, Valérie. Statistical Analysis of Textual Data: Benzécri and the French School of Data Analysis. **Glottometrics**, v. 33, p. 56-72, 2016.
- BENZÉCRI, Jean-Paul. Histoire et préhistoire de l'analyses des données. **Les Cahiers des Analyse des Données**, v. 2, n. 1, p. 9-40, 1977.
- _____. **Correspondence Analysis Handbook**. Flórida: CRC Press, 1992.
- BILAC, Elisabete. **Famílias de trabalhadores: estratégias de sobrevivência**. São Paulo: Símbolo, 1978.
- _____. Trabalho e família: articulações possíveis. **Tempo Social**, v. 26, n. 1, p. 129-145, 2014.
- BINNS, David; MARS, Gerald. Family, community and unemployment: a study in change. **Sociological Review**, v. 32, n. 4, p. 662-695, 1984.
- BORGES, Ângela. Impactos do desemprego e da precarização sobre famílias metropolitanas. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 23, n. 2, p. 205-222, 2006.
- BROMAN, Clifford; HAMILTON, Lee; HOFFMAN, William. The impact of unemployment on families. **Michigan Family Review**, v. 2, n.2, p. 83-91, 1996.

CARDOSO, Adalberto. **Ensaio de sociologia do mercado de trabalho brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

CHOLEZ, Céline; TROMPETTE, Pascale. Economic circuits in Madagascar: "Agencing" the circulation of goods, accounts and money. **Consumption, Markets and Culture**, v. 19, n. 1, p. 148-166, 2015.

DURHAM, Eunice. A família operária: consciência e ideologia. **Dados**, v. 23, n. 2, p. 201-213, 1980.

EISENBERG, Paul; LAZARFELD, Paul. The psychological effects of unemployment. **Psychological Bulletin**, v. 35, n. 6, p. 358-390, 1938.

ESPING-ANDERSEN, Gøsta. **Social foundations of postindustrial economies**. Oxford: Oxford University Press, 1999.

GALLIE, Duncan; MARSH, Catherine. The experience of unemployment. *In*: GALLIE, Duncan; MARSH, Catherine; VOGLER Carolyn (Ed.). **Social change and the experience of unemployment**. Oxford: Oxford University Press, 1994, p. 1-30.

GOLDANI, A. M. Família, gênero e políticas: famílias brasileiras nos anos 90 e seus desafios como fator de proteção. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 19, n. 1, 29-48, 2002.

GUEDES, Terezinha *et al.* Seleção de variáveis categóricas utilizando análise de correspondência e análises procrustes. **Acta Scientiarum**, n. 21, v. 4, p. 861-868, 1999.

GUIMARÃES, Nadya Araújo. A sociologia dos mercados de trabalho, ontem e hoje. **Novos Estudos**, v. 85, p. 151-170, 2009.

_____. Desemprego e procura de trabalho: alguns desafios. **Revista Ciências do Trabalho**, n. 7, p. 21-35, 2017.

GUIMARÃES, Nadya Araújo. O cuidado e seus circuitos: significados, relações, retribuições. *In*: GUIMARÃES, Nadya Araújo; HIRATA, Helena Sumiko (Org.). **O gênero do cuidado: desigualdades, significações e identidades**. São Paulo: Editora Ateliê, 2020, p. 91-127.

GUIMARÃES, Nadya Araújo *et al.* Trajetórias, atributos e relações: representações sobre redes e obtenção de trabalho. **Revista hispana para el análisis de redes sociales**, v. 22, n. 6, p. 106-146, 2012.

GUIMARÃES, Nadya Araújo *et al.* Unemployment, a social construction: institutional programs, experiences and meanings in a comparative perspective. **Economic sociology**, v. 11, n. 3, p. 10-24, 2010.

GUIMARÃES, Nadya Araújo; ALVES DE BRITO, Murillo. Desemprego, padrões de trajetória e segregação em Paris e São Paulo. *In*: COSTA, Albertina *et al.* (Org.). **Mercado de trabalho e gênero**: comparações internacionais. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008, p. 69-87.

GUIMARÃES, Nadya Araújo; SILVA, Paulo Henrique; FARBELOW, Marcus Vinícius. Transições ocupacionais, recorrência do desemprego e desigualdades de sexo e cor: São Paulo numa perspectiva comparada. *In*: VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, 8, 2004, Coimbra. **Anais...** Coimbra: Conlab, 2004.

HARRIS, Zelig. Discourse Analysis. **Language**, v. 28, n. 1, p. 1-30, 1952.

HASENBALG, Carlos; SILVA, Nelson do Valle. Educação e diferenças raciais na mobilidade ocupacional no Brasil. *In*: Encontro Anual da ANPOCS, 22, 1998. **Anais...** Caxambu: Anpocs, 1998.

HIRATA, Helena Sumiko. Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social**, v. 26, n. 1, p. 61-73, 2014.

HIRATA, Helena Sumiko; HUMPHREY, John. Trabalhadores desempregados: trajetórias de operários e operárias industriais no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n. 11, v. 4, p. 71-84, 1989.

JAHODA, Marie; LAZARFELD, Paul; ZEISEL, Hans. **Marienthal**: the sociology of an unemployed community. London: Transaction Publishers, 2002 [1933].

KOMAROVSKY, Mirra. **The unemployed man and his family**: the effect of unemployment upon the status of the man in fifty-nine families. New York: Dryden Press, 1940.

LAMPARD, Richard. An examination of the relationship between marital dissolution and unemployment. *In*: GALLIE, Duncan; MARSH, Catherine; VOGLER, Carolyn. (Org.). **Social change and the experience of unemployment**. Oxford: Oxford University Press, p. 264-298, 1994.

LAUER, Charlotte. **Education and unemployment**: a French-German comparison. ZEW: Mannheim, 2003. (Discussion Paper, v. 3-34).

LIMA, Márcia. "Raça" e pobreza em contextos metropolitanos. **Tempo Social**, v. 24, n. 2, p. 233-254, 2012.

MAIA, Katy *et al.* O papel das mulheres pobres brasileiras na estrutura familiar monoparental feminina: uma análise do ano 2012. **Revista Econômica**, v. 17, n. 2, p. 97-122, 2015.

MELO, Hildete Pereira de; CASTILHO, Marta. Trabalho reprodutivo no Brasil: quem faz? **Revista de Economia Contemporânea**, v. 13, n. 1, p. 135-158, 2009.

MENEZES, Andrey; CUNHA, Marina. Uma análise da duração do desemprego no Brasil (2002-2011). **Revista Brasileira de Economia de Empresas**, v. 13, n. 1, p. 37-58, 2013.

MENEZES, Vitor Matheus. **Família e posição de classe**: a socialização familiar pela privação e a socialização familiar protetiva. Brasília: Ipea, 2018. (Texto para Discussão, n. 2379).

_____. Perfis educativos e repertórios de acesso a empregos. **Boletim de Análise Político-Institucional**, v. 23, p. 81-90, 2020.

_____. State and unemployment in central capitalism and Brazil: the constitution of unemployment as a public problem and the degree of unemployment protection. **Innovation: The European Journal of Social Science Research**, 2021. <https://doi.org/10.1080/13511610.2021.1964352>.

_____. Trajetórias sociais em estratos médios: família, escolaridade e trabalho. **Sociologia & Antropologia**, v. 12, n. 2, p. 1-23, 2022.

_____. A história do seguro-desemprego no Brasil: regras, dinâmicas do mercado de trabalho e proteção social. **Dados**, v. 67, n. 2, p. 1-48, 2024. <https://doi.org/10.1590/dados.2024.67.2.317>.

MOEN, Phyllis. Family impacts of the 1975 recession: duration of unemployment. **Journal of Marriage and the Family**, v. 41, n. 3, p. 561-572, 1979.

MONTAGNER, Paula. A reestruturação produtiva e o desemprego da mulher. In: COSTA, Ana Alice et al (Org.). **Reconfiguração das relações de gênero no trabalho**. São Paulo: CUT Brasil, p. 71-80, 2004.

MONTALI, Lilia. Provedoras e co-provedoras: mulheres-cônjuge e mulheres-chefe de família sob a precarização do trabalho e o desemprego. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 23, n. 2, p. 223-245, 2006.

NATALINO, Marco Antonio; LOPEZ, Felix. Introdução à edição temática Classes Sociais, Estado e Desigualdades. **Boletim de Análise Político-Institucional**, v. 23, p. 7-16, 2020.

PAOLI, Maria. A família operária: notas sobre sua formação histórica no Brasil. **Tempo Social**, v. 4, n. 2, p. 17-41, 1992.

PAUGAM, Serge. Social bonds and coping strategies of unemployed people in Europe. **Italian Sociological Review**, v. 6, n. 1, p. 27-55, 2016.

PÉLISSIER, Daniel. **Initiation à la lexicométrie**: approche pédagogique à partir de l'étude d'un corpus avec le logiciel Iramuteq. [s.l.] : Idetcom ; Université Toulouse Capitole, 2017. Disponível em: https://presnumorg.hypotheses.org/files/2016/04/Initiation_lexico_Iramuteq_Mars2017_v6.pdf. Acesso em: 27 de maio de 2019.

PICANÇO, F. S.; ARAUJO, C. M. de O. (2020). Conflitos desiguais: homens e mulheres na articulação casa-trabalho no Brasil. **Século XXI: Revista De Ciências Sociais**, v. 9, n. 3, p. 720-749, 2020.

RAIHER, Augusta. (2016). Condição de pobreza e vulnerabilidade da mulher brasileira. **Informe Gepec**, v. 20, n. 1, p. 116-128, 2016.

RATINAUD, Pierre. Amélioration de la précision et de la vitesse de l'algorithme de classification de la méthode Reinert dans IRaMuTeQ. *In*: IEZZI, Domenica; CELARDO, Livia; MISURACA, Michelangelo. (Ed.). **Proceedings of the 14th International Conference on Statistical Analysis of Textual Data (JADT 2018)**. Rome: Universitalia, 2018.

REINERT, Max. Une méthode de classification descendante hiérarchique: application à l'analyse lexicale par contexte. **Les Cahiers de l'Analyse des Données**, v. 8, n. 2, p. 187-198, 1983.

_____. Classificaton Descendante Hierarchique et analyse lexical par contexte: application au corpus de poesies d'A. Rimbaud. **Bulletin de Méthodologie Sociologique**, n. 13, p. 53-90, 1987.

_____. Alceste une méthodologie d'analyse des données textuelles et une application: Aurelia De Gerard De Nerval. **Bulletin de Méthodologie Sociologique**, v. 26, p. 24-54, 1990.

_____. Postures énonciatives et mondes lexicaux stabilisés en analyse statistique de discours. **Langage et Societé**, v. 121-122, p. 189-202, 2007.

RIBEIRO, Carlos. Tendências da desigualdade de oportunidades no Brasil: mobilidade social e estratificação educacional. **Mercado de Trabalho**, v. 62, p. 49-65, 2017.

RIBEIRO, Luís. Desigualdades de oportunidades e segregação residencial: a metropolização da questão social no Brasil. **Caderno CRH**, v. 23, n. 59, p. 221-233, 2010.

SARTI, Cynthia. **A família como espelho**: um estudo sobre a moral dos pobres na periferia de São Paulo. Tese (Doutorado) – Departamento de Antropologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

SCHLOZMAN, Kay Lehman; VERBA, Sidney. **Injury to insult**: unemployment, class and political response. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

SEGALEN, Martine. **Historical anthropology of the family**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SORJ, Bila. Arenas of care at the intersections between gender and social class in Brazil. **Cadernos de Pesquisa**, v. 43, n. 149, p. 478-491, 2013.

TAYLOR, Janet. Unemployment and family life. *In*: SAUNDERS, Peter; TAYLOR, Richard (Ed.). **The price of prosperity**: the economic and social costs of unemployment. Sidney: University of New South Wales Press, p. 65-85, 2002.

TELLES, Vera. A experiência da insegurança: trabalho e família nas classes trabalhadoras urbanas em São Paulo. **Tempo Social**, v. 4, n. 1-2, p. 53-93, 1992.

_____. Mutações do trabalho e experiência urbana. **Tempo Social**, v. 18, n. 1, p. 173-195, 2006.

THOMAS, Eugene; MCCABE, Esther; BARRY, Jane. Unemployment and family stress: a reassessment. **Family Relations**, v. 29, p. 517-524, 1980.

VAN DER LIPPE, Tanja van der; TREAS, Judith; NORBUTAS, Lukas. Unemployment and division of housework in Europe. **Work, employment and society**, v. 32, n. 4, p. 650-669, 2017.

WILENSKY, Harold; LEBEAUX, Charles. **Industrial society and social welfare**. Nova York: The Free Press, 1965.

Ipea – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

EDITORIAL

Coordenação

Aeromilson Trajano de Mesquita

Assistentes da Coordenação

Rafael Augusto Ferreira Cardoso

Samuel Elias de Souza

Supervisão

Aline Cristine Torres da Silva Martins

Revisão

Bruna Neves de Souza da Cruz

Bruna Oliveira Ranquine da Rocha

Carlos Eduardo Gonçalves de Melo

Crislayne Andrade de Araújo

Elaine Oliveira Couto

Luciana Bastos Dias

Rebeca Raimundo Cardoso dos Santos

Vivian Barros Volotão Santos

Deborah Baldino Marte (estagiária)

Maria Eduarda Mendes Laguardia (estagiária)

Editoração

Aline Cristine Torres da Silva Martins

Camila Guimarães Simas

Leonardo Simão Lago Alvite

Mayara Barros da Mota

Capa

Aline Cristine Torres da Silva Martins

Projeto Gráfico

Aline Cristine Torres da Silva Martins

*The manuscripts in languages other than Portuguese
published herein have not been proofread.*

Missão do Ipea
Aprimorar as políticas públicas essenciais ao desenvolvimento brasileiro
por meio da produção e disseminação de conhecimentos e da assessoria
ao Estado nas suas decisões estratégicas.



ipea Instituto de Pesquisa
Econômica Aplicada

MINISTÉRIO DO
PLANEJAMENTO
E ORÇAMENTO

